



POLÍTICA EDUCACIONAL DE COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROGRAMA GERAÇÃO DA PAZ NUMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO NO EUSÉBIO

Luzia Mônica Lima da Frota Araújo (1);

Francisco Jucivânio Félix de Sousa (2)

*Secretária de Educação do Estado do Ceará - SEDUC-CE. E-mail: monicafrota@gmail.com
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE Campus Crateús. E-mail: juc.fe@uol.com.br*

Resumo

O presente trabalho faz uma análise da execução do Programa Geração da Paz, protagonizados pelos agentes Jovens em uma escola pública de ensino médio no município de Eusébio, a partir das propostas e estratégias orientadas pela SEDUC, enquanto órgão implementador de políticas públicas educacionais. Nesse sentido, versa sobre o conceito e os tipos de violência por diversos autores. Explicita a proposta do Programa geração da paz como política pública educacional promotora da inserção e da manutenção dos jovens na escola. Caracteriza a comunidade escolar estudada identificando seus limites e possibilidades na efetivação dos seus direitos e deveres junto à escola. Apresenta os demais projetos que já existentes na escola como o Projeto Jovem de Futuro que celebra uma parceria entre o público e o privado, ou seja entre o Instituto Unibanco e a secretaria de educação do Estado do Ceará com o intuito de fomentar o desenvolvimento do processo educacional em nível local e regional no país. Busca a identificação de ações e estratégias que possam viabilizar sua execução verificando se o Projeto Político Pedagógico dessa escola está alinhado com tais ações e se estão sendo colocados em prática, fomentando uma cultura de paz e não violência escolar. Busca saber também quais são os resultados esperados e alcançados advindos de sua efetivação. Como metodologia de pesquisa baseia-se na Etnometodologia utilizando como coleta de dados a observação participante e a entrevista e por fim relata e reflete sobre as experiências vivenciadas pelos agentes jovens, principais protagonistas, sujeitos ativos desse processo.

Palavras Chave: Violência escolar. Políticas Pública Educacionais. Geração de paz.



Introdução

A desorganização política, econômica e social vivida pela humanidade é um fenômeno que não é novo, mas bastante recorrente. Apesar de vivermos hoje em uma era de avanços científicos e revoluções tecnológicas, possibilitando uma comunicação mais fluida e facilitando a vida cotidiana de bilhões de pessoas ao redor do planeta, isso tem se mostrado irrelevante em favorecer uma cultura de paz mundial, pois os conflitos étnico-religiosos, políticos, econômicos e sociais parecem ter se acentuado no interior das nações, principalmente, depois do atentado terrorista ao *World Trade Center* (WTC) em Nova York (NY), nos Estados Unidos (EUA) em 11 de setembro de 2001.

Nesse sentido, a violência tem se tornado “um problema de grande relevância social, condicionando a vida das comunidades e dos jovens em particular” (SALLES et al., 2014, p.149).

Os conflitos entre pessoas, grupos e organizações são inevitáveis. A diversidade é necessariamente geradora de conflitos e deles não devemos fugir, pois são essenciais para o aprimoramento das relações entre os homens e para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Entretanto, quando os conflitos existentes se acirram e não são dirimidos, a violência se manifesta, nesse sentido, é indiscutível que nos tempos atuais a violência tenha se tornado um problema central para a humanidade (MELMAN, 2009).

Nesse sentido, as práticas autoritárias que legitimaram o poder político ao longo de sua história como o coronelismo, as oligarquias, a burocratização do Estado, a impunidade, a ineficiência da polícia, dentre outros corroboraram para que o círculo vicioso da violência se perpetuasse até os dias atuais, pois geralmente as práticas de violência no Brasil, estão associadas aos problemas sociais como miséria, fome, desemprego, aumento desordenado da população na periferia das grandes cidades industrializadas, etc.

Com a democratização e universalização do ensino no país nas últimas décadas, estimasse que a maioria desses jovens estejam matriculados e frequentando a escola, seja ela pública ou privada, sendo a escola muitas vezes o espaço de produção e reprodução da violência juvenil.

Nesse contexto, algumas perguntas nos orientam para tentarmos compreender tal realidade e verificar a implementação de um programa de governo implantado pela Secretária de Educação do estado do Ceará – SEDUC/CE em uma escola estadual de ensino médio. Ao longo desse trabalho buscaremos responder: O que é o Programa Geração da Paz e quais são suas ações? Como funciona a ação Agente Jovem? Como e quais foram os efeitos das ações advindas do Programa Geração da



Paz para a escola, em especial a ação Agente Jovem? Como a escola desenvolve tais ações através da sua política pedagógica?

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é analisar as ações do Programa Geração da Paz, protagonizados pelos agentes Jovens nessa escola pública de ensino médio (sob a abrangência da Coordenadoria Regional de Educação – CREDE – 01, Pólo Eusébio) a partir das propostas e estratégias orientadas pela SEDUC, enquanto órgão implementador de políticas públicas educacionais. Os objetivos específicos são identificar quais são essas ações e estratégias da SEDUC para a execução do Programa Geração da Paz; verificar se o PPP (Projeto Político Pedagógico) dessa escola está alinhado com tais ações e estratégias relacionadas ao Programa Geração da Paz; verificar se essas ações e estratégias estão sendo colocadas em prática nessa escola; e descobrir quais são os resultados esperados e alcançados advindos dessas ações nessa escola.

2. A violência Simbólica

Ao buscarmos compreender o que denominamos de violência escolar, precisamos dialogar como Bourdieu (1999, *apud* GOMES, 2008, p. 240) que entende esse tipo de violência como sendo simbólica, um tipo de:

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (p. 7-8).

Para esse teórico, o sistema simbólico de uma determinada cultura é uma construção social, cuja manutenção é imprescindível para a perpetuação de uma determinada sociedade que se dá através da interiorização da cultura por todos os membros dessa mesma sociedade. Porém, numa sociedade de classes como a nossa, isso não ocorre espontaneamente. Há uma relação de forças em que a classe opressora tenta naturalizar sua cultura como sendo a cultura boa e dominante em detrimento de uma cultura menos valorizada e oprimida. Isso ocorre dissimuladamente no âmbito da escola sendo o lugar de reprodução da cultura supervalorizada. Mesmo nas sociedades ditas democráticas, a igualdade de oportunidade que se prega na escola, não se concretiza, pois, ela própria, reproduz a ideologia dominante. Nesse sentido, o capital cultural é uma espécie de moeda de valor para perpetuá-la.

Os alunos desfavorecidos economicamente tem dificuldade em dominar os mesmos códigos culturais que a escola valoriza, porque não encontram fácil acesso a eles. Isso pode ser facilmente observado com relação aos espaços culturais como teatros, cinemas, museus, mídia intelectualizada,



etc., que muitas vezes oferecem acesso restrito às classes desfavorecidas. Ao contrário dos alunos oriundos das classes economicamente favorecidas que são privilegiados por serem dotados de capital cultural e econômico já que estão imersos na ideologia dominante.

Nessa lógica, os alunos das classes populares mantêm geralmente baixa autoestima, pois eles acabam naturalizando a ausência de favorecimento, internalizando que não têm competência para a realização de determinadas atividades que promovam o seu sucesso profissional e pessoal. Isso pode ser observado através do discurso comum de que só querem terminar o ensino médio para obterem o certificado e poder trabalhar como operários de fábrica.

Muitas vezes não conseguem aprender porque não se identificam com os códigos culturais dominantes e, ao invés disso, reproduzem o insucesso (falta de interesse e de concentração na aprendizagem dos conteúdos, comportamentos inadequados na escola, falta de perspectiva para o futuro, etc.) que se manifestam através da violência praticada e vivenciada por eles no contexto escolar. No entanto, é necessário que não caiamos nas armadilhas do determinismo e das generalizações o que corresponde a dizer que nem todos os jovens oriundos de uma classe social mais favorecida economicamente obtêm sucesso na vida pessoal e na vida escolar e que nem todos os jovens de classes menos favorecidas também fracassam.

2.1 A violência na escola, violência à escola e violência da escola

Na mesma linha de Bourdieu (1999), Charlot (2002) também teoriza sobre a violência escolar distinguindo sua ocorrência: violência na escola, violência à escola e violência da escola. A violência na escola:

É aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar. [...] quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local (Charlot, 2002, p. 434).

Esse tipo de violência é motivado por fatores externos que não tem a ver com as relações estabelecidas no interior da escola.

A exemplo disso citaremos um episódio que ocorreu para ilustrar esse tipo de violência foi a de um jovem que cursava o primeiro ano do ensino médio. Namorava uma garota do terceiro ano letivo de 2015 sendo que o relacionamento deles vinha se mantendo desde 2013. Esse jovem era bastante infrequente e tinha um comportamento agitado com baixos rendimentos escolares e históricos de repetência e abandono. Sua namorada tentava incentivá-lo para que estudasse e até intercedeu junto à gestão para que ele pudesse ser matriculado novamente. A vaga lhe foi



concedida, porém o jovem novamente se evadiu. Envolvido com traficantes de drogas do bairro no entorno da comunidade escolar, se mostrava irredutível na decisão de não querer permanecer estudando. Certo dia, no início do ano letivo foi pego numa emboscada. Atiraram contra ele e atearam fogo em seu corpo, o mesmo não resistiu aos graves ferimentos e veio a falecer.

Esse episódio trouxe um certo transtorno para o clima escolar porque sua namorada entrou em depressão e os demais colegas ficaram bastante afetados emocionalmente, se tornando um evento traumatizante para os alunos. No entanto, percebemos também certa aproximação e união depois desse acontecimento. A turma do terceiro ano que a namorada da vítima está matriculada, possível concludente do ensino médio, se tornou muito coesa e se reuniu com a finalidade de produzir uma festa de encerramento em um *buffet* por iniciativa deles mesmos. Organizaram torneios de futebol na escola aos sábados, foram em busca de doações em empresas no bairro no intuito de arrecadar recursos para a realização da festa que deve acontecer no final de janeiro de 2016.

Esse fato mostra que o sofrimento motivado pela violência em que esses jovens estão submetidos no dia a dia, também pode se tornar um fator de fortalecimento e comunhão entre um determinado grupo social, ocorrido nessa comunidade.

Observamos o apoio das colegas que muitas vezes ofereceram sua simples escuta para a jovem extravasar seu sofrimento, elaborar o luto pela perda do namorado e se fortalecer emocionalmente. Há também uma postura de abertura da gestão que acolhe o sofrimento de seus alunos que são vítimas direta ou indireta da violência escolar, visando o fortalecimento das relações afetivas e o despertar de um sentimento de pertença e formação de identidade entre esses jovens.

A violência à escola está "ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam" (Charlot, 2002, p. 434). Essas duas formas de violência se somam à violência da escola, "uma violência institucional, simbólica, que se expressa pela maneira como a instituição e seus agentes tratam os jovens" (Charlot, 2002, p. 434).

Quando os professores ou gestores se utilizam da autoridade para legitimar práticas autoritárias e coercitivas como a expulsão de alunos da escola por motivos de indisciplina ou outras penalidades, por exemplo, dificultando que o aluno obtenha bom êxito nas avaliações e não passe para a série seguinte.

3. O Programa Geração da Paz e quais são suas ações.



Segundo informações do site oficial da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, o Programa Geração da Paz, enquanto política pública, busca dar provimento ao estabelecido no Pensamento Estratégico da SEDUC que estabelece em um de seus objetivos “fortalecer a escola como espaço de inclusão, de respeito à diversidade e da promoção da cultura da paz”. Enquanto política pública educacional pretende mobilizar a sociedade para o compromisso de promover ações educativas e sociais voltadas para a valorização da vida e da paz mundial; ações essas que possibilitem a paz consigo mesmo, com o outro, com a sociedade e com a natureza.

O Programa Geração de Paz foi implantado nas escolas do Ceará, pela SEDUC, desde o ano de 2010, visando a promover e desenvolver estratégias de aproximação da escola e comunidade, mediante a valorização dos saberes e experiências locais, que apoiem a constituição de uma cultura de paz no Estado do Ceará.

Na escola em estudo, o projeto foi desenvolvido desde 2012. A coordenação pedagógica da escola desenvolve trabalhos com os alunos do Ensino Médio para que possam ser incentivados a desenvolver ações de melhoria na comunidade em que vivem e a cuidar da escola e das pessoas que pertencem a ela e no ambiente em que habitam, isso por meio de gestos em que eles possam ser criativos e formuladores da própria história, por via do diálogo, cooperação e processos participativos na escola.

A escola possibilita o incentivo da criação de ações que possam estimular uma cultura de paz na escola, sendo elaboradas ações de combate a atos discriminatórios, palestras motivacionais, bem como se permite o uso dos espaços da instituição para jogos escolares, olimpíadas e promoção de encontros com as famílias, objetivando a transformação das relações sociais entre escola e comunidade.

Esse projeto faz parte da Coordenação do Protagonismo Estudantil, ligada à SEDUC, sendo uma estrutura a gestão e operacionalização de ações e iniciativas para a promoção do protagonismo estudantil nas escolas da rede estadual de ensino.

4. Percorso Metodológico

O procedimento metodológico desta pesquisa está distribuído em duas partes: a primeira parte se constitui na revisão bibliográfica, tendo como referências trabalhos acadêmicos e



governamentais: artigos científicos, revistas e sites especializados sobre o Programa Geração da Paz e demais projetos.

A segunda parte se constitui em um estudo de campo: “Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo” (Gil, 2009, p. 53).

Portanto, como instrumentos de coleta de dados, trabalhamos com a entrevista, com o questionário e com a observação participante. Nesse sentido, enquanto abordagem, trabalhamos a temática em questão, a partir da pesquisa qualitativa.

Quanto aos objetivos, o presente trabalho se constitui numa pesquisa descritiva, pois, segundo Gil (2009, p.42), as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que mais habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática.

Os sujeitos da pesquisa são os agentes jovens (quatro estudantes) dois professores e um representante da gestão pedagógica, atores sociais envolvidos com o Programa Geração da Paz.

O universo da pesquisa se constitui em uma escola de ensino médio da rede estadual do Ceará que está sob a abrangência da Coordenadoria Regional de Educação – CREDE – 01, que aderiu ao Programa Geração da Paz.

5. Resultados da Pesquisa

O Agente Jovem foi uma das estratégias criadas dentro do Programa Jovem de Futuro para estimular os estudantes na mobilização, promoção e divulgação de ações que o tornem agentes de transformação no contexto escolar e se tornem agentes multiplicadores. Ao mesmo tempo em que trabalham com engajamento, comunicação, mapeamento, levantamento de necessidades, planejamento, esses jovens passam a desenvolver uma série de habilidades e competências importantes para o seu processo de aprendizagem e desenvolturas para a sua vida prática e cotidiana.

Com o apoio de um educador, estes jovens são convidados a apoiar atividades da escola com ações de mobilização que ajudem a identificar alunos infrequentes ameaçados de abandonarem a escola.

Nesse sentido, atuam como protagonista no processo de mobilização da comunidade escolar, contribuindo para a conquista de objetivos pactuados como a melhoria na qualidade do ensino, melhoria dos índices de frequência e do clima escolar. Eles compartilham também dos desafios e



metas estabelecidas no Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP), fazem parte do Grêmio estudantil, etc.

O Programa Jovem de Futuro (PJF) utiliza material de apoio e estratégias pedagógicas, visando às melhorias no processo de aprendizagem desses estudantes de ensino médio e o seu engajamento na escola. A exemplo disso, promovem fóruns de debates em que os estudantes são estimulados e recebem motivação para pensarem em soluções que promovam a permanência de seus pares na escola, melhorem o desempenho acadêmico implicando numa melhor qualidade da aprendizagem e a melhoria do clima escolar, favorecendo uma cultura de paz. Durante os três anos de implementação do PJF na escola, foram realizados três fóruns de Agentes Jovens consecutivamente no ano de 2013, 2014 e 2015.

Os primeiros momentos de preparação para o fórum acontecem na escola. Um grupo de jovens protagonistas se reúne nas horas extras para discutirem sobre situações problemas na comunidade escolar (influência de fatores internos e fatores externos), tentam buscar soluções e apresentam a comunidade escolar de forma lúdica e prévia, pois a culminância acontece no fórum que reúne representantes de várias escolas.

Durante o primeiro fórum em 2013, houve um intercâmbio entre escolas do mesmo pólo (Eusébio). Os temas geradores foram violência, família e cultura de paz. Os jovens apresentaram uma peça que representava cenas do cotidiano familiar e fizeram uma apresentação utilizando como recurso artístico grafiteagem em forma de painel com música ao fundo na qual denunciaram as mazelas da sociedade atual: consumismo, drogas, prostituição, relações familiares conflituosas, etc. Nesse primeiro fórum, houve a mobilização de um grupo de mais de dez alunos, que inicialmente se apresentaram na escola, porém para a plenária o grupo é reduzido devido à logística de deslocamento.

O segundo fórum aconteceu em novembro de 2014, cujo tema gerador foi: “A cultura de saúde e paz”. Participaram um grupo de três alunos e uma coordenadora pedagógica. O terceiro fórum com o tema, “O papel dos agentes jovens na construção de uma escola cidadã”, evento realizado em Maranguape em dezembro de 2015. Houve várias apresentações musicais com coral de algumas escolas, debates e manifestações a favor de escolas que estavam fadadas a fecharem por determinação da Secretaria de Educação. Essas manifestações foram bastante positivas, porque dias depois recebemos a notícia de que essas escolas tiveram a garantia de funcionamento para o ano letivo de 2016. As agentes jovens da nossa escola apresentaram um texto em forma de poesia



abordando as ações realizadas em 2015 e os projetos em execução (PPDT, PJJ e o Programa Geração da Paz).

Alguns dos alunos Agentes Jovens de nossa escola são, concomitantemente, monitores e representantes de turma, portanto, foram os sujeitos dessa pesquisa e como tal recolhi algumas informações para a fundamentação dessa pesquisa, que ocorreu por meio de uma roda de conversa na qual foi preparado um roteiro de entrevistas com perguntas abertas que se encontra nos apêndices desse trabalho. Direcionamos as perguntas a fim de saber quais os impactos que os programas e projetos em execução na escola, desde 2013, tiveram na construção de uma cultura de geração de paz incidindo sobre o clima coletivo.

Quando perguntadas sobre quais as situações problemas mais graves enfrentadas pela comunidade escolar na qual estão inseridas, houve um consenso em dizer que seria a falta de um espaço adequado para realizarem as atividades em geral. Argumentaram que não se sentiam muito à vontade, porque aquele espaço não é próprio e que isso limitaria muito o engajamento entre todos. Não ter uma sala do grêmio estudantil, nem sala de reuniões. Os banheiros disponíveis estão em condições precárias e a sala de informática está praticamente interditada por falta de manutenção e equipamentos. A quadra poliesportiva não pode ser bem utilizada porque a escola depende do aval e da disponibilidade da diretora do ensino fundamental¹. Outro fator relatado diz respeito ao intervalo dos alunos do fundamental que atrapalha a terceira aula haja vista que começa vinte minutos após o seu início. Ou seja, intercalada com as aulas do Ensino Médio. Perguntado sobre os fatores externos e internos que influenciavam os acontecimentos dessas situações, relataram que a falta de respeito com os gestores e com os professores era algo lamentável, mas que a falta de espaço os tornavam mais agressivos, intolerantes, inquietos e que ficar o tempo todo na sala de aula pode ser entediante para muitos alunos. Sobre os fatores externos foram apontados a falta de educação familiar, traumas e estresses trazidos de casa devido as desestruturas familiares.

Em relação à experiência de ser um agente jovem e participar dos Fóruns, em que isso poderia contribuir para a melhoria do clima escolar e em que medida a ação dos agentes jovens mobilizam e motivam os outros alunos, as entrevistadas responderam que a experiência: “é gratificante e divertida, pois interagimos com outros agentes jovens e é também interessante saber que podemos contribuir para a melhoria da escola”.

¹ A escola estar organizada em regime de colaboração com uma escola do município do Eusébio, onde funcionam as duas escolas simultaneamente no mesmo prédio.



Sobre as ações de mobilização, citaram o projeto de monitoria como sendo muito importante, porque podiam ajudar os colegas nas dificuldades escolares e a melhora no relacionamento tanto com os alunos como com os professores e a gestão, criando um elo entre todos. Citaram ainda as atividades esportivas, a “SuperAção” uma ação do PJJF que prever um dia de mobilização interna na escola para a organização de seu espaço físico, para a limpeza e para os pequenos reparos de carteiras, torneiras e outros. Ainda, os movimentos para arrecadação de cestas básicas e de leite para instituições carentes e os torneios de futebol.

Foi perguntado também de que maneira os agentes jovens podem contribuir para uma cultura de paz na escola e uma das entrevistadas respondeu: “ajudando ao próximo independente de qualquer coisa. Seja o porteiro ou o diretor, tendo a consciência de que juntos seremos melhores”. Outra disse que:

Seria motivando os colegas para a realização das atividades escolares e ajudando a escola (professores e gestão pedagógica) no monitoramento das frequências, para que os alunos não desistiam de estudar e procurar resgatar alunos indo na casa deles, mandando recado, buscando saber os motivos de suas faltas.

Por último, houve uma indagação a respeito de ter surgido alguma mudança no comportamento dos estudantes após a implantação dos projetos na escola, principalmente, com os trabalhos do Agente Jovem. Responderam afirmativamente, pois elas se sentem mais integradas e também observam que muitos colegas se tornaram mais participativos e mais amigos com menos confusões e brigas na sala de aula e, principalmente, na hora do intervalo na fila do lanche.

Pela fala das agentes jovens, pelos depoimentos das professoras PDT’S, bem como, no meu papel de observadora participante no decorrer da pesquisa, cujos registros foram realizados através de diários de campo que incluem inúmeros atendimentos individuais a alunos e pais de alunos, eventos relativos aos programas implementados na escola bem como seminários, palestras e reunião de professores e entre pares, podemos considerar que o Programa Geração da Paz vem sendo assimilado e incorporado pela comunidade escolar.

6 Considerações Finais

A pergunta de partida que despertou o interesse por essa pesquisa diz respeito à causa que levava a escola pesquisada a sofrer demasiadamente com aspectos relacionados com a violência. Além dos problemas relacionados com os fatores sociais e econômicos, como a pobreza, nossa



principal hipótese nos levava a crer que a ausência de políticas públicas para fomentar os trabalhos desenvolvidos no âmbito dessa escola, a organização para a realização do trabalho pedagógico necessário para a obtenção de bons êxitos, dificultava e agravava ainda mais os problemas relativos à violência.

Nesse sentido, a partir de 2013, a escola foi contemplada com a implementação de algumas políticas públicas e em articulação com o Programa Geração da Paz que representa mais que um programa, pois é uma metodologia que subsidia a execução dos demais projetos concomitantes e cuja finalidade vai além da busca por melhores resultados acadêmicos e, sim, a construção de uma cultura de paz e sustentabilidade tornando a escola um espaço de convivência social harmônica.

É sabido que as mudanças na área de educação não são abruptas, pois só se tornam efetivas quando são quantificáveis e isso demanda um tempo que às vezes demora. Os três anos que foram contabilizados para a implementação dessas políticas públicas não seriam suficientes para empreender grandes mudanças a ponto de revolucionar os níveis de proficiência dos alunos assistidos em avaliações externas. No entanto, podemos sim vislumbrar as pequenas mudanças qualitativas, porque elas são construções no cotidiano daqueles que estão verdadeiramente envolvidos no processo e que sonham que um dia se efetivará para todos ou pelo menos para uma maioria. É preciso acreditar!

O sistema educacional brasileiro tem remado contra a maré na busca de uma educação de qualidade e atravessa uma discussão interessante sobre a base nacional comum curricular que ainda não se efetivou na prática, passados quase três décadas da constituição de 1988, e esperamos que seja uma discussão que não se perca mais uma vez na história da educação, mas que se realize e se efetive. Enquanto essas grandes mudanças não ocorrem, não podemos ficar de braços cruzados. Muitas parcerias foram criadas, sobretudo nas últimas décadas com organismos internacionais e investimentos nacionais do setor privado, a exemplo dos projetos que foram citados nessa pesquisa, como o Programa Geração de Paz, o Projeto Professor Diretor de Turma e o Projeto Jovem de Futuro do Instituto Unibanco, que não devemos desperdiçar porque representam gastos públicos que se não forem investidos adequadamente farão falta para as futuras gerações.

7. Referencias bibliográficas



BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. In: GOMES, R. A Dimensão Simbólica da Violência de Gênero: uma discussão introdutória. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/viewFile/120296/164309>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466**, DE 12 DE DEZEMBRO DE

CEARÁ. Secretaria da Educação. Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará – SPAECE 2008. **Boletim Pedagógico de Avaliação: Matemática**, Ensino Médio. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. v. 1 (jan/dez. 2008), Juiz de Fora, 2008 – Anual.

CEARÁ. Secretaria Estadual de Educação (SEDUC). **Programa Geração da Paz**. Texto Disponível em: <<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/programas/geracao-da-paz-projetos-e->>. Acesso em: 25 jun. 2015.

CHARLOT, Bernard. Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Revista Interface: Sociologias, Porto Alegre ano 4, nº 08, jul/dez de 2002, p. 432-443. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>> Acesso em: 30 nov. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º ed. São Paulo: Altas, 2009.

INSTITUTO UNIBANCO. **Programa Jovem de Futuro**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9P-rOU38wdk>>. Acesso em: 25 out, 2015.

_____. **Superação na escola**. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1cc88L791sXx_3_4gnsYzMAJvp9ANj7feA5Z7YGgLprw/edit?pli=1>. Acesso em: 09 jan, 2016.

_____. **Jovem de futuro: o que é?** Disponível em <<http://www.institutounibanco.org.br/jovem-de-futuro/oque-e>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

_____. **Agente Jovem: o que é?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9P-rOU38wdk>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

MELMAN, Jonas & et al. **Tecendo redes de paz**. Saúde soc. vol.18, supl. 1, p. 66-72. São Paulo: Jan./Mar. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902009000500012>> . Acesso em 05 jul. 2015.

PROGRAMA GERAÇÃO DA PAZ. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/programa-geracao-da-paz-cultiva-o-dialogo-na-rede-estadual-de-ensino-1.971889>>. Acesso em 12 dez.

SALLES, L. M. et al. **Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar**. Psicol. Soc. Vol. 26 nº 1. Belo Horizonte: Jan/Apr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100016>. Acesso em: 15 jul. 2015.